

O Sr. Presidente — Não há mais matéria a ser lida. Encontram-se inscriptos para falar dois dos Srs. Deputados.

Primeiramente dou a palavra ao Sr. Deputado Carlos Santos.

O Sr. Carlos Santos — Sr. Presidente, Srs. Deputados. Correu célere, hoje, pelos arraiais trabalhistas a infausta notícia do brusco e inesperado desaparecimento do tablado da vida, na Capital da República, do meu nobre amigo e brilhante parlamentar, distinto líder dos bancários na Câmara Federal, Deputado Adalberto Camargo, destacado membro da bancada classista dos empregados, naquela casa.

Homem dotado de invulgares qualidades morais e intelectuais o ilustre pernambucano tão prematuramente arrancado do convívio da família, da sociedade e da Pátria, era incontestavelmente uma das mais brilhantes figuras da representação profissional na Câmara. Defensor intransigente da ordem e do regime imperante entre nós, êle fêz do seu respeito à lei e da solidariedade ao Poder constituído, o apanágio da sua marcante atuação como representante no Parlamento Nacional da nobre e valorosa classe dos Bancários. Inteligência aprimorada, espírito justiceiro, alma bem formada, ninguém melhor do que êle compreendeu, sentiu e olhou com carinho as

— 130 —

reivindicações justas e ordeiras do proletariado brasileiro do qual, repetidas vezes êle se ergueu na Câmara como majestosa coluna moral em arranques vigorosos e verdadeiramente patrióticos animado que estava do nobre desejo de engrandecer e dignificar a Pátria no engrandecimento e na dignidade de uma das suas mais robustas expressões — o proletariado. Ainda em dezembro do ano findo, Sr. Presidente, quando nesta Casa eu pronunciava modesto discurso sôbre o salário mínimo...

O Sr. Alberto de Brito — Não apoiado.

O Sr. Carlos Santos — ...tive oportunidade de me referir a esse nosso desditoso patrício. E' que então se discutia na Câmara o projeto de lei que criava as Comissões de salário mínimo, e Adalberto Camargo, amigo extremado e defensor sincero dos trabalhadores, na ânsia incontida de minorar-lhes a situação, apresentava uma emenda que mandava abonar a todos os trabalhadores brasileiros, um aumento de 20 % sôbre os salários percebidos naquela época, até a definitiva regulamentação do salário mínimo no Brasil.

Outro fato que bem demonstra o grande desejo de Camargo de bem servir a causa dos seus representados, é o recente projeto de lei por êle apresentado ainda no dia 23, há 4 dias portanto, projeto que, visando beneficiar a numerosa classe dos Bancários estabelece categoria no quadro dos funcionários bancários e lhes proporciona outras vantagens.

Como exemplo edificante da honestidade e honorabilidade com que sempre se houve nas elevadas funções do seu pôsto basta citar que nas últimas férias parlamentares, Adalberto Camargo reuniu em Recife todos os trabalhadores dos diversos Sindicatos lá existentes e lhes fêz, expontâneamente uma clara e exhaustiva exposição da sua atuação na Câmara Federal, tendo então como justo prêmio por tão elegante e nobre atitude a aprovação unânime e tácita dos trabalhadores da sua terra. Da sua

Orientação sábia e patriótica fala bem alto êste trecho de uma carta sua dirigida a um seu amigo e trabalhador gaúcho com data de 25 do corrente. Referindo-se às mentalidades reacionárias que procuram empanar o valor da legislação trabalhista em vigor, com o fim condenável de lançar o desespero no seio dos operários para taxá-los depois de inimigos da ordem afirmava serenamente Adalberto Camargo: — Essa gente porém está redondamente enganada porquanto, sejam quais forem os incitamentos à rebeldia, estaremos sempre ao lado da ordem e sobretudo prestando inteiro apôio ao Govêrno que quebrou as algemas que escravizavam todos os trabalhadores.

O Sr. Adroaldo Costa — Nobre caráter.

O Sr. Alberto de Brito — Apoiado.

O Sr. Carlos Santos — E eu seria longo, muito longo, Snr. Presidente se quisesse traçar aquí em tôda a plenitude do seu valor e da sua grandeza uma vida posta inteiramente a serviço do Bem, a serviço do proletariado, a serviço da felicidade e da grandeza da pátria brasileira, vida que serviu para elevar e firmar na gratidão do proletariado nacional o vulto extraordinário de Adalberto Camargo. E é por isso Snr. Presidente, que nessa hora transbordante de tristeza para nós trabalhadores, para nós brasileiros, eu em nome da bancada classista dos empregados nesta Casa e porque mesmo não dizê-lo em nome de todo o proletariado ordeiro do Rio-Grande-do-Sul, que perde em Adalberto Camargo um companheiro dedicado e sincero, peço a V. Exa. se digne consultar a Casa se ela consente na inserção na ata dos nossos trabalhos de hoje de um voto de profundo pesar pelo profundo golpe que vêm de sofrer não só os Bancários brasileiros, os trabalhadores nacionais, a bancada classista federal como a própria Câmara dos Deputados, pedindo mais que o nosso pesar seja externado telegráficamente à Exma. família enlutada e ao Parlamento Nacional. Disse.

DISCURSO pronunciado no Segundo Congresso Eucarístico Nacional, em Belo-Horizonte, em 4 de setembro de 1936, numa das sessões de estudo (operários).

A EUCARISTIA E A AÇÃO CATÓLICA NA DEFESA E ASSISTÊNCIA MORAL DOS OPERÁRIOS.

Senhores Congressistas

“Dizei aos vossos fiéis, leigos, que quando êles participam nas obras de apostolado e de redenção individual e social unidos aos seus sacerdotes e aos seus bispos, então, mais do que nunca êles são a raça escolhida, o sacerdócio real, a gente santa o povo de Deus que São Pedro magnificava” (Pio XI. Enc. Ubi arcane Dei)

O triunfo do reino de Cristo na terra, é a grandiosa e sublime finalidade da Ação Católica. Que Cristo reine nas famílias, na Sociedade e na Pátria é a sua magna função. **“Pax Cristi in Regno Cristi”.**

E inúmeras e diferentes são as formas que se podem empregar na objetivação dos seus fins. Entre elas, porém, ressalta pela expressão de que se reveste, maximé na hora que passa, em que um materialismo estólido e mentiroso, ponteadado de ódios e paixões atingiu, deseperado, ao auge dos seus esforços para humanizar a Deus e endeusar o homem, ressalta, repito, aquela forma que nos força a olhar com o devido carinho a **Questão social “Arena de acerbos lutas e nem sempre incruentas, entre as diversas classes sociais, pelo fato de se agitarem aí as apaixonadas questões do “meu” e do “teu”.**

E' que, através da **Questão Social** a Ação Católica pode e deve influir decisivamente **“Educando as consciências nos princípios cristãos e criando assim um ambiente moral favorável à atuação dos mesmos, sem o qual tôdas**

as leis e instituições, ainda que permaneçam em vigor, não passarão de vãos aparatos externos, semelhantes a cenários pintados” provado como está, sobejamente, que **Questão Social** não é apenas uma questão de estômago, mas é também, e principalmente, uma questão de coração, uma questão moral, uma questão de amor e não será, por certo, uma lei humana que fará o homem amar ao seu próximo como a si mesmo.

Sòmente uma lei sobrenatural, uma lei divina é capaz de operar êsse prodígio de Caridade e de Justiça, cujo exemplo máximo e edificante o próprio **Jesús Cristo**, expressão viva do verdadeiro Amor, nô-lo deu na divina tragédia do cimo do Calvário. Mas essa **“Educação de Conciência nos princípios Cristãos”** para ser eficiente não pode ser restrita a uma só classe — a operária, e é sòmente generalizando-a a tôdas as classes sociais, que se pode solidificar, no mundo, o princípio do amor aos homens por amor a Deus.

“Questão Social é uma questão moral e religiosa que sobretudo, deve ser resolvida segundo os ditames da moral e da religião” afirmou Leão XIII.

Efetivamente. Mas entre nós, outro foi o aspecto que se lhe emprestou. Para resolvê-la, os homens firmaram-se apenas no terreno econômico-social e os Sindicatos profissionais, patronais ou de empregados, organizado sôbre êsse terreno e desprezado o lado moral e religioso da questão, encontram, pela própria natureza humana, uma quase impossibilidade na solução da questão. E’ que, defendido o fator econômico-social, divorciado dos sãos princípios da moral cristã por duas classes de interesses diametralmente opostos, é justo, é lógico que o antagonismo dêesses interesses em jôgo, tenda, fatalmente para uma confusão de princípios, para uma divergência de fins, razão direta da chamada luta de classe.

E’ que, entre Capital e Trabalho ergue-se uma barreira intransponível — a ausência do Evangelho. E on-

de falta o Evangelho de Cristo, o egoísmo e a ambição, a injustiça e o ódio erguem o seu trono.

Aliás, é o próprio titular do Ministério do Trabalho que, públicamente confessa essa verdade. **“O homem, afirma S. Exa., perdeu-se na exaltação do egoísmo e da mentira.. Houve uma fuga da razão e do espírito e só há agora um caminho, a reforma do homem, a sua volta ao Cristianismo, que ensina a desprezar as riquezas que são transitórias e a amar a Deus que é eterno.**

Referindo-se às normas e precauções recomendadas aos operários por Pio XI, afirma Tristão de Ataíde, no seu magistral trabalho **Política**, que a **“Primeira e a mais importante é que ao lado dos Sindicatos, existam sempre outros grupos com o fim de dar a seus membros uma séria formação religiosa e moral”**.

Aliás, foi êsse o pensamento do grande propulsor da organização cristã do operariado no Rio-Grande-do-Sul, o Rvd. Padre Leopoldo Brentano, idealizador, fundador e animador dos Círculos Operários no extremo sul do país, que chegou a reunir, à sombra da bandeira circulista 18.000 operários, cuja benéfica e salutar influência estende-se, em surtos avantajados, à classe patronal, emoldurando-se todos de um santo temor de Deus e solidificando e estendendo, conseqüentemente, por sôbre as criaturas um pálio majestoso de pura fraternidade inspirada na sublime máxima: **“O trabalho cada vez mais dominante, a natureza cada vez mais dominada e o capital cada vez mais proporcionado”**.

Com um programa completo de assistência moral, material e espiritual ao operariado, os Círculos Operários do Rio-Grande-do-Sul, já têm realizado grande parte do seu vastíssimo programa: pois, mantém escolas, cooperativas de consumo de gêneros alimentícios, assistência médica e jurídica, promove a formação de vilas operárias em diversos pontos do Estado, desenvolve a sindicalização das classes nos moldes da lei vigente e finalmente man-

tém várias “creches” onde a mulher operária confia os seus filhinhos à guarda generosa e segura de dedicadas religiosas e vai, confiante se entregar às suas atividades profissionais.

Na formação da consciência e da moral cristã, os Círculos Operários, agindo paralelamente aos Sindicatos mantém com êles amistoso intercâmbio social, estabelecendo até uma perfeita reciprocidade entre os seus associados, o que sem dúvida, é importantíssimo na solidificação dos princípios da Caridade e da Justiça, ou seja, dos princípios da moral de Cristo. Numa perfeita prática de Ação Católica, os Círculos Operários eu diria quase, completam, espiritualizam, divinizam, a obra da sindicalização no Brasil. E na defesa do trabalhador ambos se ajustam. Um na esfera econômica-social, garantindo-lhe a limitação das horas de trabalho, as férias anuais, o seguro contra acidentes, a aposentadoria e pensão, o salário mínimo, a estabilidade no emprêgo etc., etc. o outro, na esfera moral-religiosa, garantindo-lhe o aperfeiçoamento da alma, o respeito e o amor a Deus, o verdadeiro espírito de fraternidade cristã, a difusão dos sábios ensinamentos contidos na extraordinária **Rerum Novarum**, enfim, estabelecendo as condições indispensáveis à solução verdadeira da magna **Questão Social**.

Ora, ninguém mais de boa fé, pode negar que as idéias dissolventes da civilização cristã encontram, com relativa facilidade, campo propício nas mentalidades atrofiadas pelas injustiças e ambições humanas, de modo que as propagandas vermelhas são triunfalmente aceitas e defendidas por variadas formas, somente onde foram esquecidas e negadas as máximas sublimes do Evangelho.

Daí a urgente necessidade de uma reação vigorosa e uniforme por parte de todos os católicos que devem, para isso, sobrepor as suas vaidades aos seus interesses pessoais e ao seu comodismo, à glória de Deus.

E, espontaneamente então ressalta a Ação Católica, como assistência e defesa do operário e até mesmo como penhor seguro da estabilidade do reino de Cristo na terra. **“A reorganização social tem que ser feita, e ninguém no mundo tem fôrça para impedir a evolução que é uma lei divina e um processo da natureza, afirma Lima Júnior.**

O statu quo é impossível. Ao invés porém de destruímos os fundamentos da civilização cristã, dentro da qual essa evolução se fará naturalmente e sem subversão, precisamos fortalecê-los pela prática das normas evangélicas, fora das quais o Comunismo seria legítimo e até necessário, ou o sentimento cristão ou o materialismo brutal do Bolchevismo. Dêsse dilema ninguém pode fugir”.

E o atual Sumo Pontífice solenemente sentencia: **“A massa descontente dos operários, seduzida pela má propaganda do materialismo e das suas conseqüentes revoluções, não poderá ser libertada dos erros que a desvairam, e nem se quer encontrar a paz com os patrões, senão mediante os princípios sociais da Igreja, bem entendidos difundidos até pelos leigos, informados pelo espírito do apostolado próprio da Ação Católica”.**

E ainda o grande leader católico Tristão de Ataíde escreve: **“A igreja reconhece a benemerência dessa justiça social (do Estado) e entrega ao Estado a elaboração e a aplicação das leis nesse sentido. Não se limita a isso porém o papel da Igreja em relação ao trabalho, e isso porque não são apenas deveres de justiça para com o trabalho e sim também deveres de caridade, isto é, de amor. A caridade completa a justiça. Não basta dar ao trabalho e aos homens do trabalho, boas leis sociais, é preciso completar essas leis com a elevação social, a cultura, a consideração, a dignidade”** e termina com a autoridade de que se revestem o seu pensamento e a sua palavra: **“A igreja portanto completa a obra do Estado em matéria trabalhista. E nós que somos cidadãos do Estado e**

filhos da igreja, temos uma dupla série de deveres em relação ao trabalho, a que nada nos pode excusar”.

E só o conhecimento dessas três grandes verdades, externadas por três grandes e autorizados pensadores, desperta em nós verdadeiros católicos o desejo salutar de reforçar as fileiras da Ação Católica, no campo ubertoso da **Questão Social**.

Façamos pois, e urgentemente, dos nossos sentimentos de cristãos o apanágio exuberante de tôdas as nossas atividades em prol do reinado de Cristo na Sociedade e na Pátria brasileiras.

Sinto-me bem, citando novamente o exemplo do Rio-Grande-do-Sul. E como êle o fêz, desenvolva e promova todo o Brasil católico, a organização de associações interprofissionais, com programas que envolvam na sua mais ampla expressão assistência moral, social, espiritual e material do operário.

Chamem Círculo Operário ou outro qualquer nome que se lhe queira dar, não importa. Interessa apenas a estrutura moral-social da organização.

Mas, dispersas Brasil a fora essas organizações, serão ainda deficientes porque agirão isoladas, desunidas, estarão enfraquecidas para enfrentar fôrças ocultas e maldosas, organizadas internacionalmente para combater o exército de Cristo no mundo. Fôrças poderosas, entre as quais formam, e às vezes até na vanguarda, muitos católicos que pelas suas ações, atitudes e exemplos são a mais clamorosa negação do Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesús Cristo. Formem-se pois Federações Regionais que congreguem, nos Estados, tôdas as organizações operárias cristãs, e essas fortalecidas pela união dos seus membros formarão a Confederação Nacional dos Operários Católicos. Nesse sentido é muito interessante conhecer o sistema adotado pelo Círculo Operário Pôrto-Alegrense em relação aos seus inúmeros núcleos) muralhas intransponível que se erguerá ante a ofensiva vio-

lenta e maldita dos filhos das trevas. A reação cristã deve ser na altura e nas proporções da agressão pagã.

Compreende-se pois que a obra da Ação Católica, no tablado da **Questão Social** é tão nobre e indispensável quão exhaustiva e tenaz, razão porque não é bastante nós compreendermos e sentirmos o seu valor, o que é preciso é que crepitem em nossas almas o fogo retemperador da vontade de trabalhar pela vitória decisiva dessa obra de Amor. E esse fogo não pode ser ateado por forças humanas, impotentes, só por si, para enfrentar as suas próprias fraquezas. Fé, Caridade e Amor, eis a trilogia sublime, o pedestal indestrutível da Ação Católica, sem o qual ela perecerá, circunscrevendo-se, apenas, a simples programação.

E uma das fontes mais ricas, senão a única, onde se podem beber essas virtudes divinas é o próprio Jesús Cristo consubstanciado na espécie de Pão, Prisioneiro adorável do Santo Tabernáculo na Hóstia Santa, na Santa Eucaristia. Aí toda a viripotência da Ação Católica. **“Eu sou o pão vivo que descí do céu”** disse Jesús. **“O que comer dêsse pão viverá eternamente”** E poder-se-ia considerar inaplicável o programa da Ação Católica se aqueles que a formassem não vivessem em Cristo e Cristo nêles. **“Eu sou o pão vivo”**, é preciso que se coma deste pão, para que a Ação Católica possa viver conosco, sob os influxos divinos da Eucaristia.

Vê-se daí, que somente da nossa presença à Mesa Santa para o banquete do Pão da Vida é que poderá advir, na doce incompreensibilidade da Fé, o exercício piedoso da Caridade, numa apoteose deslumbrante de verdadeiro Amor.

Façamos pois, para o triunfo completo da Ação Católica, comunhões freqüentes e fervorosas e para promovê-las organizemos associações de Juventude Operária, Apostolados, Congregações Marianas e Confrarias. Comunhões freqüentes porque é na prática repetida do Santo Sacramento da Eucaristia que a criatura se imunisa

— 142 —

das fragilidades humanas, porque se revestindo da majestade infinita d'Aquele que é o abismo de tôdas as virtudes **"Virtutum omnium abyssus"** o homem enfrenta e vence o mundo com a mesma serenidade dos Apóstolos, dos Mártires, das Virgens e dos Santos que se immortalizaram e se santificaram passando incólumes pelos paúes da terra, para irem formar, no côro dos Bem-aventurados, as vozes incessantes que proclamam **"Te deum laudamos — Te dominum confitemur"**.

A comunhão freqüente faz o homem triunfar de si, para terminar triunfando em Deus, e êsse homen terá e irradiará a tôdas as suas atividades, a verdadeira vida". **"Já não vivo eu, é Jesús Cristo que vive em mim"**.

Fatores diversos porém, não raro, dificultam e até impossibilitam, a muitos operários, a recepção freqüente da Santa Comunhão. Promova-se, pois, como razão mínima do Pão celeste — **A Páscoa dos Operários**.

Quero, ainda mais uma vez, apresentar o Rio-Grande-do-Sul como exemplo. Realizando, êste ano, a maior Páscoa até hoje promovia por tôdas as classes sociais do nosso grande Estado, sòmente Pôrto-Alegre levou à Santa Mesa, para tomar parte no banquete divino, o respeitável exército de 800 operários, fato êste que muito nos serviu de experiência para demonstrar que a **Páscoa dos Operários** é um meio muito eficaz de levar à Mesa da Comunhão, muitos operários dela afastados, há anos, e muitíssimos outros que, ou por falta de instrução religiosa ou mesmo de convite, nunca se haviam aproximado da Fonte de tôda a consolação. **"Vinde a mim vós todos que estais em trabalho e aflição, e aliviar-vos-ei"**. Mesmo nos lugares onde não hajam associações de operários católicos, a realização da **Páscoa dos Operários**, naturalmente, se transformará numa campanha benéfica e expontânea, da qual, muito fàcilmente, nascerá a organização operária cristã.

Unam-se, pois, todos os católicos, seja qual fôr a sua condição social, o seu estado e numa catequese vigorosa

— 143 —

e verdadeira, feita não só pela palavra como também, e muito principalmente pelo exemplo, desdobrem e solidifiquem a Ação Católica na terra bendita de Santa-Cruz.

Não fique o padre na sacristia, nem, se limite o católico a contar, na Igreja, beaticamente as contas do seu rosário. Não. Movimente-se o exército de Cristo e transbordante de Fé, de Caridade, de Amor e de Vida, elevemos os nossos corações a Deus para que, com as suas bênçãos e as suas graças, nós possamos, cada vez mais e mais, apontar como forma infalível e segura para a solução da **Questão Social**, aos que julgam, erradamente, que “**Só de pão vive o homem**”, a **Eucaristia e a Ação Católica na defesa e assistência moral dos operários**. E pelas razões expostas e desenvolvidas na singeleza destas linhas, creio que podemos chegar à seguinte

CONCLUSÃO:

O segundo Congresso Eucarístico Nacional resolve:

I — Promover a Páscoa dos Operários em tôdas as paróquias do Brasil, onde haja operários organizados ou não.

II — Promover a Comunhão freqüente dos operários por meio de associações, apostolados, congregações marianas e confrarias.

III — Promover, por todos os meios, a realização do programa contido na encíclica **Rerum Novarum**.

IV — Promover e impulsionar a organização, em todos os centros operários de a) — Juventude operária (para menores) b) — Círculos Operários ou outro qualquer nome, que se queira dar a organizações, que tenham um programa completo de assistência moral, material e espiritual dos operários.

— 144 —

V — Tôdas as organizações católicas, de operários, nos Estados, unidas por um programa e por uma ação uniforme, devem formar a **Federação Regional dos Operários Católicos**.

VI — As Federações Regionais, na mesma uniformidade de programa e de ação, formarão, na Capital da República, a **Confederação Nacional dos Operários Católicos**.